

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-277-7

DOI 10.22533/at.ed.777192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

O livro faz parte da publicação em três volumes na qual reúne trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades de diversas regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados. Por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil.

Meu primeiro desafio é em relação à escolha do discurso que irei adotar para tratar sobre o tema deste livro, já que a comunicação não pode ficar dúbia, tampouco simplória ou demasiadamente complexa, independentemente de quem venha a ser o interlocutor, seja filósofo, educador, mestre ou aluno.

Neste processo que aqui início, permito-me devanear sobre a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós na área das ciências humanas?

Contudo, como reconheceu Foucault, o começo de qualquer discurso é angustiante. Ele, que tratou o tema com seriedade e rigor, confessou o peso do início do discurso em sua aula inaugural no Collège de France, e em sua fragilidade humana, confessou: “Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível” (p. 5).

Escrever é como falar: uma captação de palavras, a busca, com a obstinação de um arqueólogo, pelas mais apropriadas para dar forma ao pensamento. Percebo que a língua é uma matéria-prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor ao confronto com a própria solidão, o embate com lacunas de algo que poderia estar ali e que, por isso mesmo, pode levar à confusão.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento. Quase sempre nos referimos à construção de saberes sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos, essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever, e por consequência, cada vez mais nos mantemos em solidão. E assim corremos o risco de nos afastarmos do mundo e dos papéis que, nas ruas, nas esquinas e em nossas casas e classes, tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns podem apontar que a fala de alguém não escolarizado compartilha e participa de uma produção carente, grosseira, desdenhativa, de senso comum. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários das pessoas para entender a vida, é uma configuração legítima e qualificada de conhecimento. Todavia, alguém poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas, e estamos aqui falando de sistemas de verdades produzidos pelas ciências humanas, não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades”. Nesse “esclarecimento”, torna-se explícita a notória divisão entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento das experiências de vida dos personagens que pretendemos pesquisar se evidencia diante das fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo e a ameaça de sofrermos agressões desse mundo que nos parece exterior nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial, e assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.

Walter Benjamin

Parece que estamos sempre no limite com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto concluído, nas diversas formas de registro, para recomeçarmos o mesmo ciclo logo em seguida. Estamos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida. Se isto por si só não fosse suficiente, acabamos nos tornando “pessoas-produtos” por conta da constante avaliação em relação ao que produzimos. O próprio jogo institucional nos classifica como pesquisadores melhores ou piores, medianos ou brilhantes, e nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a nos enxergar sob a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos, assim, vaidosamente uns dos outros, como se estivéssemos ofuscados por um enclausuramento defensivo.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e analisamos sua natureza em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas, codificadas em livros e artigos que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos nos manter intactos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, neste período histórico, isso a que chamamos de *estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, uma escola

inclusiva, oposta àquela em que nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissíveis entre si.

Uma questão que me desanima é a seguinte: afinal, o que estamos fazendo com o cuidado de si a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998), “De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?” (p.13).

O retorno transformador do conhecimento para aquele que o detém deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar separado do processo de produção do conhecimento enquanto tal, conforme pondera Foucault:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? [...] O “ensaio” [...] é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento (FOUCAULT, 1998, p. 13).

Foucault nos convida a filosofar como um exercício de (re)escrita de si, por meio de

práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 1998).

A importância das ciências humanas para a produção de conhecimento, no entanto, não se resume somente à área da educação, mas abrange a nós como um todo, já que habitamos os espaços nos quais, institucionalmente, conferimos materialidade às faculdades de educação. Todavia, coloquei-me como membro desta e escrevo como parte dela. Portanto, faço parte do jogo que pretendi desnudar.

E ainda perseguindo a ideia de que nossa produção por vezes se torna uma compulsão, que não nos permite ter tempo para nos deleitarmos com o que produzimos, tento pensar como sair efetivamente desse impasse.

Em certas circunstâncias, creio que nos iludimos ao pensar que, quanto mais aprendemos, mais teoricamente afinados ficamos e mais temos a ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que de fato ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, é um desejo semelhante ao movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora, mas que pode ser praticada no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno, em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E que talvez não seja possível estabelecer como e de que maneira o atende.

O que sabemos é o ponto de partida da nossa oferta, e não a satisfação da demanda daquele que busca conhecimento.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações de época em época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas maneiras particulares de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que é válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo determinado pela situação.

Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação, inicialmente abordaremos o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin, de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica para acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
POLIFARMÁCIA NO IDOSO: O PAPEL DA ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DAS IATROGENIAS	
Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves Samara Maria de Jesus Veras Maria Aparecida de Souza Silva Rebeca Cavalcanti Leal Cynthia Roberta Dias Torres Silva Ana Karine Laranjeira de Sá Valdirene Pereira da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.7771924041	
CAPÍTULO 2	8
PRAZER E SOFRIMENTO DOCENTE NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: UMA REVISÃO TEÓRICA NA PERSPECTIVA DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO	
Chancarlyne Vivian Letícia de Lima Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.7771924042	
CAPÍTULO 3	19
RELAÇÃO ENTRE A ESCOLARIDADE E A COGNIÇÃO EM PESSOAS IDOSAS DO DEPARTAMENTO DO IDOSO DA FUNDAÇÃO PROAMOR DE PONTA GROSSA-PR, BRASIL	
Fabio Ricardo Hilgenberg Gomes Gislaine Cristina Vagetti Aline Bichels Luana Suemi Fujita Cinthia Fernanda da Fonseca Silva Valdomiro de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7771924043	
CAPÍTULO 4	32
RELATO COM A PRÁTICA DE ENSINO ATRAVÉS DO ESTAGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Edison Vieira Gonçalves Junior Diego Paschoal de Senna	
DOI 10.22533/at.ed.7771924044	
CAPÍTULO 5	41
RESILIÊNCIA DE PESSOAS IDOSAS: PERCURSOS	
Sheila Marta Carregosa Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.7771924045	
CAPÍTULO 6	51
SOBRE O SUICÍDIO: AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE KARL MARX	
Érika de Freitas Arvelos, Tayná Bonfim Mazzei Mazza	
DOI 10.22533/at.ed.7771924046	

CAPÍTULO 7	65
TAMBORIL: LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO, PARÂMETROS AMBIENTAIS E PRIMEIROS DADOS ARQUEOMÉTRICOS	
Sônia Maria Campelo Magalhães Ennyo Lurrik Sousa da Silva Heralda Kelis Sousa Bezerra da Silva Luis Carlos Duarte Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.7771924047	
CAPÍTULO 8	81
TRABALHO E DEVOÇÃO: A RECONSTRUÇÃO DA CAPELA DE SÃO JOÃO MARIA EM COCHINHOS, IRATI-PR, DÉCADA DE 1960	
Victor Huggo Lopes do Amaral Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7771924048	
CAPÍTULO 9	95
TRABALHO E ESCOLA: RELAÇÕES QUE PERMEIAM A ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO DO ENSINO MÉDIO NOTURNO	
Andreia Tavares Angela Maria Corso	
DOI 10.22533/at.ed.7771924049	
CAPÍTULO 10	109
TRABALHO, APOSENTADORIA E LAZER COMO HABITUS SEGUNDO IDOSOS QUE FREQUENTAM A ASSOCIAÇÃO BANESTADO EM PONTAL DO PARANÁ-PR	
Carla Roseane de Sales Camargo Rita de Cássia da Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.77719240410	
CAPÍTULO 11	120
TRANSPORTE COLETIVO: LUGAR DE DESEJOS E CONTRADIÇÕES NA CAPITAL PIAUIENSE (DÉCADA DE 1970)	
Cláudia Cristina Da Silva Fontineles Allan Ricelli Rodrigues De Pinho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240411	
CAPÍTULO 12	134
UM DEBATE AINDA NECESSÁRIO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FORMAÇÃO E AÇÃO DOS PROFESSORES DE UM COLÉGIO DA REDE ESTADUAL DE PELOTAS-RS NA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR	
Letícia Campagnolo Cavalheiro	
DOI 10.22533/at.ed.77719240412	
CAPÍTULO 13	139
UMA ANÁLISE DO OLHAR DOS ALUNOS ACERCA DO USO DE DOCUMENTÁRIOS DO CANAL HISTORY CHANNEL EM AULAS DE HISTÓRIA	
Maria Paula Costa Tainá Raue dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.77719240413	

CAPÍTULO 14	143
UNIVERSIDADE E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: NOTAS SOBRE UMA INVESTIGAÇÃO COM JOVENS ESTUDANTES SECUNDARISTAS DAS PERIFERIAS DE GOIÂNIA, LISBOA E MADRID	
Rosane Castilho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240414	
CAPÍTULO 15	154
VERDADE, VEROSSIMILHANÇA E PROGRESSO CIENTÍFICO EM POPPER	
Sebastião Maia de Andrade	
Aristides Moreira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240415	
CAPÍTULO 16	163
VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES. MALLET/PR, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
Valdinéia Strugala	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.77719240416	
CAPÍTULO 17	174
A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL E INCLUSÃO ESCOLAR NA UNIVERSIDADE	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.77719240417	
CAPÍTULO 18	185
FILOSOFIA AFRICANA E A LEI 10.639/2003	
Danilo Rodrigues do Nascimento	
Flávia Rodrigues Lima da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.77719240418	
CAPÍTULO 19	194
INFLUÊNCIA DA IDADE NA MEMÓRIA E COGNIÇÃO DE IDOSOS FREQUENTADORES DE UM PROGRAMA DE EXERCÍCIO FÍSICO SUPERVISIONADO	
Bianca Yumie Eto	
Giovana Gomes dos Santos	
Maria Carolina Rodrigues Salini	
Regina Celi Trindade Camargo	
Claudia Regina Sgobbi de Faria	
Franciele Marques Vanderlei	
Laís Manata Vanzella	
DOI 10.22533/at.ed.77719240419	
CAPÍTULO 20	205
NORMALIDADE E DIFERENÇA: VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA	
Akeslayne Maria de Camargo	
Iris Clemente de Oliveira Bellato	
Louise Gomes de Pinho	
Emília Carvalho Leitão Biato	
Barbara E. B. Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.77719240420	
SOBRE A ORGANIZADORA	219

TRABALHO, APOSENTADORIA E LAZER COMO HABITUS SEGUNDO IDOSOS QUE FREQUENTAM A ASSOCIAÇÃO BANESTADO EM PONTAL DO PARANÁ-PR

Carla Roseane de Sales Camargo

Universidade Estadual de Ponta Grossa- Ponta Grossa-PR

Rita de Cássia da Silva Oliveira

Universidade Estadual de Ponta Grossa- Ponta Grossa-PR

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo identificar a relação entre trabalho, aposentadoria e lazer na velhice como habitus segundo frequentadores da Associação Banestado (AB) localizada em Pontal do Paraná-PR, buscando entender a incorporação do habitus por meio da trajetória e estilo de vida dos idosos frequentadores da respectiva Associação. Dessa forma, o presente artigo utilizou-se de pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas com 5 idosos frequentadores da AB. Após a pesquisa, pudemos perceber que a frequência dos idosos participantes da pesquisa na AB constitui um *habitus*, que por meio das atividades de lazer e trocas sociais propiciadas nesse ambiente, contribuem significativamente, pois além de conservar *habitus* incorporados durante a vida do trabalho, também possibilita aos mesmos a incorporação de novas disposições, por meio de novas experiências, dando-lhes assim, mais significado à vida.

PALAVRAS- CHAVE: *Habitus*. Aposentadoria. Idosos.

WORK, RETIREMENT AND LEISURE AS ELDERLY HABITUS THAT FREQUENT THE ASSOCIATION BANESTADO IN PONTAL DO PARANÁ-PR

ABSTRACT: The objective of this article is to identify the relation between work, retirement and leisure in old age as habitus according to the residents of the Banestado Association (AB) located in Pontal do Paraná-PR, seeking to understand the incorporation of habitus through the trajectory and lifestyle of the elderly people attending the respective Association. Thus, the present article used an exploratory, qualitative approach, carried out through semi-structured interviews with 5 elderly people attending AB. After the research, we could perceive that the frequency of the elderly participants in the AB research is a habitus, which through the leisure activities and social exchanges provided in this environment, contribute significantly, as well as preserving habitus incorporated during the life of the work, also enables them to incorporate new dispositions, through new experiences, thus giving them more meaning to life.

KEYWORDS: *Habitus*. Retirement. Seniors.

1 | INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial e tem apresentado consequências nos diferentes campos, entre os quais o social e o econômico. Poder chegar a uma idade avançada, já não é mais privilégio de poucas pessoas (OLIVEIRA et al., 2012).

O Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2010 registra que a população brasileira está ao redor de 21 milhões de idosos e para o ano de 2025 existe a perspectiva de chegar a 34 milhões de idosos (IBGE, 2008). Dessa forma, o Brasil será o sexto país com o maior número de idosos, o que ocasionará uma mudança significativa no desenho demográfico do país (OLIVEIRA et al., 2012).

Segundo Oliveira et al. (2012), esta realidade demográfica desperta preocupações diante da demanda social, em diferentes segmentos como a saúde, transporte, habitação, previdência social, educação e lazer, os quais precisam ser redimensionados para atender esse novo perfil populacional.

Embora tenha havido um aumento significativo de idosos no Brasil, ainda persistem conotações negativas, preconceitos e atitudes discriminatórias referentes a este segmento etário, uma vez que, culturalmente não é agradável envelhecer em um país que valoriza a beleza e a juventude, atrelada a produtividade e dinamismo, em contraposição ressalta para a velhice a incapacidade, improdutividade, doenças, solidão, marginalização social, desrespeito, acrescido do descaso geral, mesmo que em muitos aspectos sejam infundados cientificamente (OLIVEIRA et al., 2012, p.7).

O idoso no decorrer de sua trajetória de vida, vivenciou na juventude e na maturidade diversos papéis sociais, os quais lentamente foram sendo apagados ou desconsiderados em sua existência. Este sujeito teve sua representatividade no mercado de trabalho e também na sua família, no entanto, com o passar dos anos, estes papéis vão se perdendo e/ou se modificando (OLIVEIRA et al., 2012).

Sendo assim, o envelhecimento ainda é visto como algo negativo pela sociedade atual, sendo permeado por preconceitos e estigmas, os quais comumente contemplam a aposentaria como marco final da vida produtiva do trabalhador.

Com o intuito de desmistificar essa concepção negativa sobre a aposentadoria fortemente atrelada ao servilismo produtivo imposto pelo capitalismo, discorreremos sobre a relação entre trabalho, aposentadoria, lazer e habitus de idosos frequentadores da AB.

1.1 Trabalho e aposentadoria: explicitando conceitos e posições

O trabalho tem, nessa sociedade um valor central, pois como afirma Marx (1985, p.208), “é condição necessária eterna do intercâmbio material entre o homem e a natureza; é condição natural eterna da vida humana, sem depender, portanto, de qualquer forma dessa vida, sendo antes comum a todas as suas formas sociais”.

O eixo estruturador do pensamento de Marx é o homem em seu processo de

autoconstrução, buscando compreender o processo de tornar-se homem do homem desde o seu nascimento até o momento em que este se encontra atualmente, ou seja, até a sociabilidade capitalista (TONET & NASCIMENTO, 2009, p.19).

Para Marx todas as suas considerações históricas são levadas a efeito em função da inteligibilidade da fase do capitalismo que lhe foi dado viver. Dessa forma, segundo Lukács, citado por Lessa (2002, p. 27), “[...] o trabalho é a categoria fundante dos homens. É no e pelo trabalho que se efetiva o salto ontológico que retira a existência humana das determinações meramente biológicas”, ou seja, é a partir do trabalho que o homem sai da sua animalidade e se transforma em ser social.

Lessa (2002,p.38) explicita que [...]“ser fundante não significa ser cronologicamente anterior, mas sim portador das determinações essenciais do ser social, das determinações ontológicas que consubstanciam o salto da humanidade para fora da natureza”.

O trabalho é uma mediação entre o homem e a natureza, mas para que o mesmo se desenvolva também são necessárias outras mediações, tais como: a linguagem, a sociabilidade, arte, ciência, política, direito, educação, etc. Cada uma dessas tem uma função própria na reprodução do ser social (TONET, 2005, p.139).

No entanto, cabe ressaltar que não significa que essas mediações sejam uma emanção direta do trabalho, nem que sejam inferiores ou superiores ao mesmo, uma vez que, sua configuração resulta não apenas de sua relação com o trabalho, mas também com todas as demais dimensões.

Acerca do papel do trabalho na sociedade atual, Moragas(1997, p.177), afirma que o mesmo é o “fator determinante para que uma pessoa pertença à população ativa ou passiva, pois é ele que proporciona um status econômico e social que a atividade produtiva proporciona na sociedade contemporânea”.

Sendo assim, tanto Oliveira et al (2012) quanto Moragas(1997) afirmam que a aposentadoria assume um marco social que caracteriza o início da terceira idade, a entrada na velhice.

Acerca do papel da aposentadoria nas sociedades atuais, Salgado (1982) afirma que:

A aposentadoria propicia não apenas um benefício, mas um direito, que deve assegurar aos indivíduos uma renda permanente para manutenção do nível de vida e garantir as necessidades de segurança individual, características das sociedades de nossa época. No entanto, pode-se constituir também num período de empobrecimento e até mesmo de miséria, devido a depreciação constante de seu valor e a difícil possibilidade de complementação de renda com outro trabalho remunerado; e, ainda que não existam proibições ao trabalho do idoso, o fato é que praticamente não existem oportunidades de trabalho, o que redundaria no mesmo efeito (SALGADO, 1982, p.53).

Assim, por mais que a aposentadoria seja vista como um período de liberdade para muitos indivíduos, para outros ela representa um período de declínio, marcado pela descontinuidade e rupturas com o passado.

Ainda para Salgado (1982, p. 54) “o tempo de aposentadoria tem uma importância capital no processo de envelhecimento, e por isso não é possível tratá-lo de forma tão natural como se pretende”. Assim, é essencial que os indivíduos se preparem de forma adequada para esse tempo, uma vez que o mesmo pode trazer continuidades e rupturas à vida dos mesmos e, nas suas relações com o meio.

Na sequência, estão contemplados os conceitos de lazer e *habitus* e sua relação com o trabalho.

1.2 Lazer e *habitus* e sua relação com o trabalho

De acordo com Faleiros & Silva (2012, p.355), “o trabalho tem, nessa sociedade, um valor central, não só como meio de subsistência, mas como relação de trocas sociais”, uma vez que, no local de trabalho, também ocorre a socialização dos indivíduos, bem como a incorporação de *habitus* (definido a seguir).

Para Bourdieu (2007, p. 191) o *habitus* é um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes”.

Pode-se dizer que para Bourdieu, o *habitus* pode ser entendido como uma regularidade, como uma estrutura cognitiva internalizada pelo indivíduo em condições objetivas, na sua prática cotidiana, ou seja, as estruturas estruturadas representa o conjunto de crenças, expectativas e valores internalizados pelo indivíduo, já as estruturas estruturantes representam a atualização do *habitus* conforme as demandas.

O *habitus* é simultaneamente a grade de leitura pela qual percebemos e julgamos a realidade e o produtor de nossas práticas; estes dois aspectos são indissociáveis. O *habitus* está na base daquilo que, no sentido corrente, define a personalidade de um indivíduo (BONNEWITZ, 2003, p. 78).

Assim, para Bourdieu (2007), o *habitus* pode ser visto como uma síntese dos estilos de vida e dos gostos pelos quais os indivíduos apreciam o mundo e se comportam nele.

Em relação aos estilos de vida e gostos pelos quais os indivíduos apreciam o mundo, faz-se necessário ressaltar a importância do lazer como *habitus* para os idosos durante o trabalho e após o trabalho- a aposentadoria.

Para Moragas (1997), o termo “lazer” não tem um único significado, podendo ser entendido como mero descanso do trabalho, ou após a aposentadoria como ocupação do tempo livre, o qual pode ser preenchido com atividades de maior significado individual e social. No entanto, as atividades realizadas no tempo livre após a aposentadoria, caracterizam-se por sua liberdade, não estando sujeitas a requisitos de tempo e qualidade, pois a pessoa pode decidir por si mesma o ritmo empregado, bem como também não são realizadas com uma finalidade econômica.

Ainda para o autor (1997, p. 215) “o trabalho e o lazer se situam nos extremos de

uma escala, e sua alternância proporcionam equilíbrio à pessoa”. Sendo assim, existem duas posturas que relacionam atividades de lazer com tipo de trabalho desempenhado, consolidando a relação trabalho/tempo livre: a integradora ou de harmonia entre o trabalho e as atividades de lazer, e a segregadora ou de oposição entre o trabalho e as atividades de lazer (MORAGAS, 1997).

A primeira considera que as atividades selecionadas para o tempo livre estarão em harmonia com o tempo de trabalho desenvolvido. A pessoa optará por dedicar-se durante o lazer e atividades semelhantes às do trabalho. Supõe-se que as pessoas que utilizam no trabalho suas faculdades intelectuais, durante o lazer tenderão a dedicar-se à leitura, a atividades educacionais e culturais. Nesse caso, existindo pouca diferença entre o que se faz no trabalho e no lazer, e a pessoa é coerente no exercício de suas faculdades em meios diferentes (MORAGAS, 1997, p. 214).

Na segunda - a hipótese segregadora ou de mudança de atividades- considera o trabalho e o lazer como esferas opostas. O lazer deve proporcionar oportunidades para a mudança, para o desenvolvimento pessoal e para o equilíbrio em atividades que não se exerçam no trabalho. Este seria o caso do esporte ativo em relação ao trabalho intelectual, o de fazer coleções de qualquer coisa, relacionado ao trabalho manual (Ibdém, p. 215).

Já Salgado (1982, p. 61), ao discorrer sobre a ocupação do tempo livre após a aposentadoria, explicita que o verdadeiro lazer é aquele que produzindo, segundo os interesses do indivíduo, resultados de repouso, diversão, crescimento do relacionamento social, é realizado no seu tempo livre, descomprometido de outros compromissos. Assim, o lazer se caracteriza por sua oposição ao trabalho produtivo de bens e serviços.

No universo das pessoas aposentadas, o lazer não surge mais como uma contraposição ao trabalho, como recuperação da fadiga e do desgaste, prevalecendo nessa fase, funções que contribuem para o desenvolvimento do indivíduo- desejo tão importante na velhice como em qualquer outra época da vida (SALGADO, 1982).

Para Faleiros e Silva (2012), a compreensão do conceito de lazer é dificultada pelo fato de existir uma diversidade de perspectivas em sua conceituação e prática, entretanto, a frequência em associações que ofertam atividades de lazer como a AB, constitui-se um *habitus*, o qual assume a conotação de divertimento, trocas sociais e espaço de sociabilidade, o que é observado nos resultados da pesquisa.

2 | MÉTODO DA PESQUISA

Esta é uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, na busca de expressões significativas acerca do *habitus* de idosos frequentadores da Associação Banestado- Pontal do Paraná e sua relação com o trabalho, aposentadoria e lazer, por meio da análise da trajetória de trabalho, convívio social, familiar e lazer desses

idosos.

A coleta de dados foi feita por meio de entrevista semi- estruturada, as quais foram gravadas com o auxílio de um gravador de voz digital para posterior transcrição das informações coletadas, conforme um roteiro de questões norteadoras dividido em duas partes. Na primeira parte, as questões tinham por finalidade identificar o perfil dos entrevistados e suas condições familiares. Na segunda parte, coletar dados sobre a aposentadoria, o trabalho, o lazer e a frequência na AB na vida cotidiana dos mesmos.

Foram entrevistados, em amostragem por conveniência, 05 idosos aposentados, frequentadores da Associação Banestado. Os mesmos foram abordados informalmente nas dependências da AB e depois de explicados os objetivos da pesquisa assentiram em assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.

Os sujeitos participantes dessa pesquisa serão chamados de sujeito (S) e foram numerado de 1 a 5, com o intuito de preservarmos o anonimato dos mesmos. Cabe ressaltar ainda que nesta pesquisa, recorreremos aos recursos gráficos “*Itálico*” e as “aspas” para a identificação das falas dos entrevistados, conforme as normas da ABNT.

3 | RESULTADOS E ANÁLISES

A discussão dos dados levantados no campo de pesquisa realizado por meio das entrevistas com os cinco idosos frequentadores da Associação Banestado serão confrontados com o enquadramento teórico apresentado nesse estudo. A partir dessa análise, buscaremos identificar a relação entre trabalho, aposentadoria, lazer e *habitus* de idosos.

Inicialmente apresentaremos um breve resumo sobre a Associação Banestado. Segundo Miranda (s/d), primeiro presidente da Associação Banestado, esta foi criada por um grupo de funcionários do Banco do Estado do Paraná S.A. com o nome de Banestado Futebol Clube. Os registros anteriores a 1950, ano da sua constituição legal, se perderam no tempo.

A data oficial da sua fundação é 31 de março de 1950. Nesta ocasião foi elaborado o primeiro estatuto social, com a razão social de Associação Esportiva Banestado. Em abril de 2000, ocorreu uma reformulação desse estatuto e a entidade passou a chamar-se Associação Banestado. O quadro associativo, antes restrito aos funcionários do Banestado e seus aposentados, permitiu também ser composto de pessoas não pertencentes à esta categoria.

A Associação atua em todo o estado do Paraná. No interior, está presente através das suas 12 sedes regionais e da colônia de pesca situada no município de Porto Rico/PR. No entanto, sua maior representação associativa está no litoral do estado. A colônia de praia localizada em Praia de Leste, município de Pontal do Paraná-PR é estruturada para receber até 800 hóspedes. Assim, a Associação Banestado,

embora sem vínculo corporativo à partir do ano de 2000, se consolida como o local ideal para aqueles que procuram alegria de viver.

Sendo assim, conforme explicitado anteriormente, a primeira parte do roteiro da pesquisa, refere-se ao perfil dos idosos e suas condições familiares. Dessa forma, observamos que todos são do sexo masculino e quanto ao estado civil, todos casados.

Em relação ao nível de escolaridade, constatou-se que 03 possuem superior completo: 01 graduação em Ciências Contábeis, 01 em Administração e 01 em Medicina Veterinária e 02 tem o ensino médio completo, configurando assim, trajetórias diferentes.

Quanto à profissão e a relação trabalho/aposentadoria, a pesquisa revelou diversidade de trajetórias, pois 03 são bancários aposentados, 01 médico veterinário e 01 caminhoneiro. A fonte de renda deles é proveniente da aposentadoria, 04 se aposentaram por tempo de serviço e 01 por invalidez.

Percebe-se que a população da pesquisa está na camada superior de renda da população, o que se articula com o nível de escolaridade e profissão exercida pelos mesmos.

Em relação a segunda parte do roteiro da pesquisa, referente a relação entre a aposentadoria, o trabalho, o lazer e a frequência dos idosos como *habitus* pode-se observar que na relação trabalho/aposentadoria, as estruturas mudam e estruturam ou modificam o *habitus*. Três entrevistados não mais trabalharam, depois da aposentadoria, no entanto, dois continuaram trabalhando após a aposentadoria.

Segundo os que continuaram trabalhando, a principal motivação que os levou a voltar ao mercado de trabalho foi ajudar a família na complementação de renda, uma vez que pelo fato de terem saído do banco antes de se aposentarem, acabaram se aposentando apenas por tempo de serviço, perdendo assim, o Fundo de Pensão Multipatrocinado (FUNBEP). Dessa forma, pelo fato de se aposentarem apenas por tempo de serviço, os mesmos relataram que tiveram uma perda significativa no salário-aposentadoria. Acerca da perda do FUNBEP, os entrevistados relataram que:

“ Eu não me aposentei pelo Banestado. Hoje minha aposentadoria não chega a quatro salários mínimos. Eu acho que o banco foi vendido na hora errada, se demorasse um pouco mais, eu teria me aposentado” (S1).

“ Me aposentei por tempo de serviço proporcional, pois sai do banco logo após a sua venda” (S3).

A partir do relato desses dois idosos, percebemos que os mesmos atribuem como causa da sua saída do banco Banestado o fato do mesmo ter sido privatizado em 2000, ocasionando assim, uma redução do valor da aposentadoria, impulsionando os mesmos a retornarem ao mercado de trabalho mesmo após a aposentadoria. Em relação ao retorno ao mercado de trabalho, os idosos declararam que:

“Após me aposentar passei a trabalhar como acessor de um deputado federal, auxiliando-o no período de campanhas eleitorais, inaugurando obras, mantendo contanto com o povo, pois precisava ajudar minha esposa nas despesas da casa”

(S3).

“ Para ajudar na complementação de renda em casa, depois que me aposentei, fiz um curso para Corretor de imóveis e trabalhei numa corretora por cinco anos” (S1).

Os relatos acima nos mostram que devido a desvalorização gradativa do salário-aposentadoria, muitos idosos acabam retornando ao mercado de trabalho com o intuito de garantir seu status na sociedade, bem como proporcionar um nível razoável de bem-estar à família.

Quanto a preparação para a aposentadoria, percebemos que apenas 01 idoso se preparou para essa nova etapa da vida, conforme relato abaixo:

“ Sempre me preparei para a aposentadoria. Minha expectativa era se aposentar aos 65 anos, primeiro, para abrir espaço para os jovens que estão entrando no mercado de trabalho, segundo, para aproveitar melhor minha expectativa de vida que é de mais 10 anos. Hoje com 69 anos espero poder aproveitar melhor a vida” (S4).

Acerca da importância da preparação para a aposentaria, Salgado (1982, p.55) afirma que esta é essencial, pois a aposentaria “significa a perda de um papel social e, conseqüentemente, de um “status”, bem como significa também uma preparação para a velhice que, nem sempre, é facilmente aceita”.

Em relação ao *habitus* desses idosos, percebemos que o lazer esteve presente durante a vida do trabalho e com maior intensidade na vida fora do trabalho, conforme declara os depoentes:

“ Eu sempre gostei de pescaria, pescava no tempo em que trabalhava no banco e continuo participando até hoje” (S5)

“ Eu sempre gostei de fazer caminhadas pelo centro da cidade e em parques” (S1).

“ Sempre gostei de tomar uma cachacinha no bar com os amigos” (S2).

“ Adoro assistir vídeos e palestras sobre educação. Venho de uma família de professores. Gosto de assistir vídeos do Cortella e do Karnal. Tenho paixão pela educação. Acredito que o diálogo, a orientação, a educação e a disciplina são muito importante. A formação começa nas pequenas coisas” (S4).

“ Gosto de jogar futebol com os amigos” (S3).

Os relatos acima expressam o *habitus* desses idosos. Segundo Bourdieu (2007), o *habitus* pode ser visto como uma síntese dos estilos de vida e dos gostos pelos quais os indivíduos apreciam o mundo e se comportam nele.

No entanto, ainda conforme Bourdieu (2005):

O *habitus* não é algo natural, inato: sendo o produto da história, ou seja, da experiência social e da educação. Pode ser alterado pela história, ou seja, por novas experiências, pela educação ou treinamento (o que implica que aspectos que permanecem inconscientes no *habitus* sejam, pelo menos parcialmente, conscientes e explícitos). Disposições são duradouras: elas tendem a se perpetuar, a se reproduzir, mas não são eternas. Podem ser alteradas pela ação histórica orientada pela intenção e pela consciência, e utilizando dispositivos pedagógicos. [...] O *habitus* não é uma fatalidade, não é um destino. (BOURDIEU, 2005, p.45).

Sendo assim, por meio do relato dos idosos, pudemos perceber algumas alterações no *habitus* de lazer dos mesmos após a aposentadoria, conforme os depoentes declaram:

“ Gostava muito de jogar futebol, mais depois que sofri um acidente de trânsito e passei por 7 cirurgias no quadril, nunca mais pude jogar bola, nem trabalhar. Me aposentei por invalidez” (S2).

“ Depois que me aposentei, passei a fazer academia. Faço esteira e atividades físicas funcionais de manutenção, movimentos e fortalecimento da musculatura. Antes, quando trabalhava, não tinha tempo. Agora tenha mais liberdade” (S4).

De acordo com Bourdieu (2005, p.45), “o *habitus* pode ser alterado pela história, por novas experiências, pela educação ou treinamento, no entanto, o *habitus* tende a sua própria conservação. Isso pode ser observado por meio dos seguintes relatos:

“ Já sai do banco há 17 anos, mais faz 32 anos que frequento a AB. Venho sempre em janeiro e fico de 7 a 10 dias. Aqui na AB eu faço caminhada, gosto de ver a movimentação do povo, converso com os amigos. Eu também procuro conhecer novas pessoas”(S3).

“ Venho com as minhas filhas e netas há mais de 10 anos, porque aqui é um lugar aconchegante. Existe uma diversidade muito grande na AB, aqui você vê pessoas de cadeira de rodas, de muletas, pessoas com deficiência e todos são muito bem recebidos. Na verdade, eu não gosto de praia, o que eu mais gosto de fazer é conversar com os amigos” (S4).

“ Frequento na AB há 35 anos. Venho para descansar, jogar com os amigos nos jogos dos aposentados em novembro, conversar com os amigos do banco. Também gosto muito de ir a praia.” (S5).

“ Faz uns 20 anos que venho com a minha família na AB. Minha esposa trabalhava no banco e por isso sempre viemos. Gosto de vir em novembro, nos Jogos dos aposentados. Gosto de jogar dominó, bocha e canastra. Já ganhei até alguns troféus. O que eu mais gosto é de conversar com os amigos” (S2).

“ Não sou muito ligado em praia. Gosto de vir na AB todos os anos para conversar com os ex-colegas do banco e brincar com os meus netos. Faz mais de 15 anos que frequento a AB” (S1).

Percebemos nos relatos acima que a frequência na Associação Banestado é um *habitus*. A incorporação desse *habitus* cria disposições duráveis de um estilo de vida e lazer desses idosos, propiciando as trocas sociais e a socialização dos mesmos. Assim, apesar das mudanças econômicas e sociais decorrentes da vida fora do trabalho- aposentadoria, as trocas sociais e a socialização propiciadas nessa, mantém um valor central na vida dos mesmos.

Acerca da importância da socialização, Moragas (1997) explicita que esta não é um mero processo de início e de aprendizagem dos papéis sociais fundamentais na família e na escola, mas também aquele em que todas as pessoas de sociedade desenvolvidas devam adaptar suas condutas a novos elementos, no local de trabalho,

nas relações sociais, no lazer, na política, etc.

No caso dos idosos participantes dessa pesquisa, a socialização e as trocas sociais também constituem um *habitus* determinado pelas experiências vivenciadas pelos mesmos durante a vida do trabalho e a vida fora do trabalho, após a aposentadoria. Isso pode ser evidenciado no depoimento abaixo:

“ *Eu gostava muito de ser caixa no banco, conversar com os clientes [...] o que eu mais gosto de fazer na AB é conversar com as pessoas, com os colegas do banco [...] faço caminhada na minha cidade e todos os dias paro para conversar com uma pessoa e com outra*” (S1).

“ *Na AB gosto de conversar com os ex-colegas do banco*” (S5).

“ *A AB tem uma diversidade muito grande. Gosto de conversar com as pessoas, fazer novas amizades [...] sempre tive um bom relacionamento com o pessoal do banco da minha cidade, por isso me tornei sócio da AB*” (S4).

Portanto, podemos perceber que a frequência na AB constitui um *habitus* desses idosos, que por meio das atividades de lazer e trocas sociais propiciadas nesse ambiente, contribuem significativamente, pois além de conservar *habitus* incorporados durante a vida do trabalho, também possibilita aos mesmos a incorporação de novas disposições, por meio de novas experiências, dando-lhes assim, mais significado à vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na relação trabalho/aposentadoria/lazer pudemos perceber que existem *habitus* (BOURDIEU, 2007) que são conservados e/ou modificados durante a vida do trabalho e a vida fora do trabalho- após a aposentadoria. Os *habitus* estão articulados às trajetórias dos sujeitos, bem como as suas experiências de vida.

Podemos observar que após a aposentadoria, os idosos participantes da pesquisa relataram ter mais tempo livre para a prática de atividades voltadas ao lazer. No entanto, declararam como ponto negativo da aposentadoria, a desvalorização gradativa do salário- aposentadoria, fator responsável pelo retorno de alguns idosos ao mercado de trabalho.

No entanto, para a maioria dos idosos participantes dessa pesquisa, a aposentadoria propiciou-lhes mais liberdade. Assim, a frequência dos mesmos à AB (durante a vida do trabalho e fora dela) se constitui como um *habitus* significativo na vida desses idosos, pois a prática de atividades de lazer ofertadas nessa, possibilita-lhes maior convívio com a família e com os amigos.

Portanto, apesar das mudanças econômicas e sociais decorrentes da vida fora do trabalho- aposentadoria, a frequência na AB como *habitus* de lazer, possibilita aos idosos a incorporação de novas disposições, por meio de novas experiências, melhorando assim, a qualidade de vida dos mesmos.

REFERÊNCIAS

- BONNEWITZ, P. O homo sociologicus bourdieusiano: um agente social. In: **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 75 a 92.
- BOURDIEU, P. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.
- FALEIROS, V.P; SILVA, S.F. **Trabalho, aposentadoria e lazer como habitus segundo idosos que frequentam bares**. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, Porto Alegre, v.17, n.2, p. 353-371, 2012.
- LESSA, S. **Mundo dos Homens: Trabalho e Ser Social**. São Paulo: Boitempo, 2002.
- MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Livro 1 – O Processo de Produção do Capital. Volume 1. 10ª Edição. DIFEL Difusão Editorial S.A., 1985.
- MORAGAS, R. M. **Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida**. São Paulo: Paulinas, 1997.
- OLIVEIRA, R. C. da S.; OLIVEIRA, F. S.; SCORTEGAGNA, P. A. **Universidade Aberta para a Terceira Idade: A Extensão como meio de inserção do idoso no contexto universitário**. 1. Ed. UEPG/ UATI- Assis: 2012.
- SALGADO, M. A. **Velhice, uma nova questão social**. São Paulo: SESC, 1982.
- TONET, I. **Educação, Cidadania e Emancipação Humana**. Ujuí: Unijuí, 2005.
- TONET, I.; NASCIMENTO, A. **Descaminhos da esquerda**. Da centralidade do trabalho à centralidade da política. São Paulo: Editora Alfa–Omega, 2009.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.